



**Lesbianidades no sul: práticas e identidades a partir das
telenovelas brasileiras¹**

**Lesbianities in the south: practices and identities from
Brazilian soap operas**

Raabe Bastos

Gabriela Santos Alves

Palavras-chave: Lesbianidades; Telenovelas brasileiras; Teoria queer.

1 Introdução

A pesquisa busca responder como tem se dado as lesbianidades, enquanto práticas e identidades, nas telenovelas brasileiras. Para refletir sobre essa questão o amparo teórico-conceitual do trabalho está firmado em Monique Wittig (2022), Adrienne Rich (2010) e Judith Butler (2022), autoras que pensam gênero e sexualidade através da teoria queer, permitindo amplo horizonte político sobre as lesbianidades para além da cisheteronormatividade. No que concerne ao poder das telenovelas no imaginário social, os conceitos de Lopes (2004) são acionados. O método instrumental de análise do material audiovisual será inspirado em Rose (2008), que capta as esferas verbais e visuais das obras.

Observar as lesbianidades que acontecem nas telenovelas brasileiras parte de dois locais: da necessidade de pesquisas no que se refere as lesbianidades, sendo a letra da

¹ Trabalho apresentado ao VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS.



sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexo, assexuais) menos pesquisada (Ziller, 2021), e do entendimento que temos da influência das telenovelas brasileiras no imaginário social desde que a televisão estabeleceu-se como o maior produto cultural da América Latina, estando a dramaturgia brasileira como a maior expoente dentre o que é veiculado (Lopes, 2004).

A importância de relacionar os folhetins com as homossexualidades femininas advém da urgência do debate a respeito das construções que acontecem nas sexualidades e nos gêneros, olhando as composições que estabelecem o que é permitido ou vetado nas lesbianidades. Compreender as feições dos termos “mulher” e “lésbica” nas veiculações da dramaturgia do Brasil diz sobre possibilitar entendimentos da composição do sistema cisheterossexual que oportuniza ou não o desenvolvimentos de vivências e corpos (Wittig, 2022), é o atentar-se para a lógica binária em seus efeitos – a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão – nas subjetividades lésbicas (Butler, 2022).

Ao apresentar-se como tradutora ou refletora da realidade (Lopes, 2004), as narrativas transmitidas para todo o país são também propositoras de crenças e comportamentos, designando a televisão como produção coletiva de imaginários coletivos, um meio massivo que movimenta um grande mercado de massa, propondo desejos, fantasias, ideologias e sensações (Lopes, 2004). A consolidação do folhetim como o gênero mais popular e lucrativo da televisão está vinculada a uma mudança de linguagem, em relação ao cinema, onde as histórias são acessíveis a todos os públicos. A televisão pode ser colocada como poder disciplinador, ao lado da escola, da família e da igreja (Preciado, 2010).

As tramas e personagens veiculadas nas telenovelas brasileiras partem de tensionamentos de poderes, em distintos momentos que refletem as políticas, em suas inquietações advindas de distintas posições, que acontecem na sociedade. Ao longo do trabalho, será possível perceber as mudanças que se dão em determinadas épocas que foram fortemente marcadas politicamente, assim, entendemos que as produções



audiovisuais são parte de um corpo político-social, interferindo direta e indiretamente nas vivências que diz veicular e nas experiências que alcança enquanto telespectadoras.

O método instrumental de análise do material audiovisual será inspirado em Rose (2008), que capta as esferas verbais e visuais das obras, o intuito é perceber como se dão as narrativas sobre as lesbianidades, o que é evidenciado e o que é silenciado em relação a gama de existência das homossexualidades femininas. É de importância pesquisar o que está sendo endossado pelas telenovelas brasileiras em relação a essa sexualidade para averiguação das possibilidades e impossibilidades das lesbianidades.

2 Das 3 das 6, das 7 e das 9: telenovelas brasileiras

A telenovela, principal produto da teledramaturgia brasileira, é objeto de estudo de diversos trabalhos, tanto pelo processo de produção, como pela recepção e influência na sociedade (Lopes, 2004). A capilaridade da televisão nas casas brasileiras se dá desde que ela chegou ao país em 1950, aumentando ainda mais sua audiência quando, no mesmo ano, inaugurou-se, na TV Tupi, a transmissão de telenovelas, implicando-se, para além da divulgação de notícias, na reprodução de representatividade que criam e/ou perpetuam determinadas matrizes de pensamentos (EBC, 2015). Os repertórios oferecidos pela radiodifusão se tornam ainda mais palpáveis à população pois ofertaram linguagem de fácil compreensão. Trata-se de se estabelecer como instituição, assim como a escola, a igreja, o Estado e a família, pois detém impacto e autoridade social (Lopes, 2004).

No começo da TV no Brasil, as telenovelas eram transmitidas três dias por semana, apenas em 1963 passou a ser veiculada diariamente, assim, no final dos anos 60, o formato consolidou-se, ocupando espaço na grade de programação da maioria das emissoras brasileiras. Porém, foi na década de 70 que os folhetins consagraram-se com o público, visto que as narrativas passaram a dizer sobre o cotidiano do Brasil, anteriormente eram adaptações de sucessos do cinema latinoamericano ou da literatura.



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

Desde seu estabelecimento como um dos maiores produtos culturais do país, mantém-se com audiência expressiva e constante em relação a todas emissoras com sinal aberto (EBC, 2015). Hamburger (2011, p. 25) diz que “nos últimos 50 anos, o gênero vem acompanhando as transformações tecnológicas, políticas, sociais e culturais”.

Martin-Barbero (1992, p. 295) fala na familiaridade que a televisão gera ao telespectador, os “rostos da televisão serão próximos, amigáveis, nem fascinantes nem vulgares”. Assim, tem-se a construção da memória coletiva, principalmente no estudo da construção de identidades coletivas. Maria Rita Kehl (2004, p. 222) afirma que “a televisão é hoje o veículo que identifica o Brasil para o Brasil”. Os folhetins ultrapassaram as barreiras do lazer, pautando jornais e temas de estudos acadêmicos, reflexo do poder e do alcance da TV, “a telenovela é o principal produto cultural da televisão brasileira” (Lopes, 2004).

O produto estético e cultural que a telenovela se tornou carece de atenção, sendo capaz de possibilitar ou impossibilitar mobilidades quanto ao horizonte político imaginário nas construções de subjetividades (Kellner, 2001). O que ela propõe veicular é responsável por um recurso comunicativo que faz parte do cotidiano brasileiro, propagando representações que atuam ativamente em todo o corpo social. É emblemática a noção de sentido que as telenovelas propõem, pois elas categorizam de comportamentos à ideais, regulando pautas e definindo intersecções, sintetizando a sociedade em seus movimentos.

As tecnologias do imaginário são dispositivos (Foucault, 2021) de intervenção, formatação, interferência e construção que determinarão a complexidade dos “trajetos antropológicos” de indivíduos ou grupos (Morin, 1999). Assim, as tecnologias do imaginário estabelecem “laço social” (Maffesoli, 2005) e impõe-se como principal mecanismo de produção simbólica da sociedade (Silva, 2003, p. 20).

A indústria cultural produz identificação ou estranhamento a partir do que produz e veicula, tais articulações gestam imaginários (Silva, 2003, p. 58). O autor diz que o



imaginário constitui a bacia semântica que orienta o trajeto antropológico, sendo as pulsões subjetivas em constante relação com as interpelações socioculturais. Portanto, a vida simbólica só é possível através do imaginário, compondo também a materialidade que é pautada pelas crenças e descrenças do indivíduo (Maffesoli, 2005). O imaginário é uma atmosfera comum, um estado de espírito que caracteriza um povo, uma atmosfera partilhada por meio do sensível (Silva, 2003).

Entendendo que as pessoas são o que são em virtude das relações que estabelecem, as telenovelas tornam-se ferramenta para esta contextualização (Lopes, 2004). Trata-se de um mundo em comum em que as referências que alcançam a sociedade fomentam comportamentos e crenças, onde o imaginário transcende o indivíduo e invade o coletivo, “é o estado de espírito de um grupo, de um país” (Maffesoli, 2001, p. 76).

3 As lesbianidades em suas práticas e identidades

A noção de identidade homossexual surgiu no final do século XIX (Quinalha, 2022), estabelecendo o que seria uma indicação de um desvio a norma, sendo esta a união entre mulher e homem circêneros. Porém, enquanto a homossexualidade masculina, entendendo enquanto prática e identidade, era condenada como crime, doença e pecado, o mesmo não era verdade entre mulheres se relacionando: entendia-se que “as mulheres não podem ser homossexuais, não podem dispensar o masculino de suas vidas cotidianas. Logo, não podem existir” (Navarro-Swain, 2000, p. 24).

A homossexualidade, por muito tempo, foi associada a uma inversão do sexo, onde o fato de uma pessoa se sentir atraída por outra do mesmo sexo implicaria um desejo de ser/estar no sexo oposto, então, entendia-se que uma mulher lésbica visava tornar-se homem e um homem gay tornar-se mulher, era o reforço da noção de que todas as pessoas se atraem pelo sexo oposto (Quinalha, 2022). Portanto, significava a cooptação dos corpos dissidentes em lógica heterossexual, ainda que este não fossem, de forma que permaneciam em lógica binária e de atração pelo sexo oposto, estabelecendo, também, a



genitália como definidora de identidade de gênero, sexualidade e expressão de gênero.

As lésbicas foram tidas como antinaturais pois não estão à disposição dos homens e se recusam à posição de submissão, assim, foram estabelecidas como não mulheres e, ao mesmo tempo, colocadas em estigma de que desejam ser homens. Para a escritora e feminista Monique Wittig, “Foi uma restrição política, e aquelas que resistiram a essa restrição foram acusadas de não serem mulheres de ‘verdade’. Mas ficamos orgulhosas disso, vendo que na acusação já existia algo como uma sombra de vitória” (2022, p. 12).

A noção de construcionismo trazida pela teoria queer, sendo os gêneros e as sexualidades formados por exteriores constitutivos (Butler, 2022), como a cultura em todas as suas influências e pedagogias, faz com que as lesbianidades não estejam fechadas em si mesmas, encontrando-se para além de uma prisão conceitual no que se refere ao significado de ser e estar lésbica, entendendo o termo como amplo. Teorizar para além do ideal de que uma pessoa lésbica é um corpo feminino que se relaciona com outro igual faz com que seja possível abarcar outras práticas e identidades, assim, pensando fora da lógica binária, monogâmica e mercadológica (Butler, 2022). Wittig teoriza sobre lésbicas não serem mulheres, pois a mulher existe apenas em lógica em sistemas de pensamento heterossexuais, caracterizando a heterossexualidade como regime político. Observar as lesbianidades a partir da teoria queer faz com que seja possível perceber entraves em relação ao que tem dado-se culturalmente em relação a essa sexualidade, de forma que explicita-se modelos ideais da mulher e da lésbica. Partimos do pressuposto de que não há ontologia em relação ao gênero e a sexualidade, antes, é agência, onde a cultura se faz como primeira componente em tal performance (Butler, 2022).

Em apreensão de Rich (2010), as lesbianidades são práticas e identidades, a partir da noção de *continuum* lésbico, compreendendo diferentes formas de ser lésbica. O processo social que articula gênero e sexualidade parte de diversos atores fazedores de discursos, deslocando para além de uma prisão conceitual de “mulher” e “lésbica”,



entendendo, a partir de Haraway (2004), que sujeitos inteiramente coerentes são fantasias. Rubin (2017) discute como a sexualidade é atravessada por dinâmicas políticas e sociais, a autora propõe a observação sobre a hierarquia de práticas e identidades sexuais. O que materializamos no corpo se faz por repetição estilizada, de forma que são produzidos a partir de materialidades, sendo ele mesmo a incorporação delas (Butler, 2022). Portanto, a observação do que é endossado culturalmente, entendendo que influi em subjetividades, é de importância para pensar gênero e sexualidade. Portanto, não é possível definir as lesbianidades como algo fechado em si mesmo.

Referências

- BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- CARRILLO, Jesús; PRECIADO, Paul B. Entrevista com Beatriz Preciado. **Revista poiésis**, v. 11, n. 15, p. 47-71, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 61-86, 2011.
- HARAWAY, Donna. "Gênero" para um dicionário marxista. **Cad. Pagu**, 2004, n.22.
- KELLNER, Denis. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In SILVA, T.T. (org) *Alienígenas em sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1995, p. 104-131.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo; URIBE, Bertha A. **Telenovela: internacionalização e interculturalidade**. Edições Loyola, 2004.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: **Revista Famecos**. N.15, p. 74-82, agosto, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Televisión y melodrama**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

-
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1999.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- REGULAÇÃO da mídia. **EBC**, Brasília, 2015. Disponível em: <http://conteudo.ebc.com.br/portal/projetos/2016/regulacaodamidia/>. Acesso em: 03 de setembro de 2023.
- ROSE, D. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 343-363.
- RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.
- RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.
- SILVA, Machado da. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Autêntica, 2022.
- ZILLER, Joana et al. Corpos lésbicos no YouTube: quais são as mulheres visíveis. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, 2021.